

A INFLUÊNCIA DO ENSINO DE HISTÓRIA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:

construção da identidade social do aluno. *

Liliane de Paiva Nascimento **

INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR FRANCISCANO

RESUMO

O presente artigo tem como proposta fazer uma breve análise sobre o ensino de História que, por sua vez, vem passando por transformações. Nesse sentido, a escola e o professor precisam estar atentos às constantes mudanças da sociedade e acompanhar as inovações tecnológicas. A valorização da vivência do aluno e da realidade que o cerca são pontos relevantes para a construção da aprendizagem. Por esse motivo, espera-se que os livros didáticos proporcionem ao aluno um conteúdo atualizado para ser trabalhado em sala de aula, eliminando, assim, a visão de um ensino desinteressante. Cabe ao professor acompanhar as novas reformulações legais da educação, oportunizando uma educação democrática e participativa. Desde o surgimento da História na educação e utilização eficaz dos livros didáticos no ambiente escolar, foi dada uma margem para que o professor multidisciplinar pudesse realizar um trabalho pedagógico que despertasse no aluno o interesse pelo que é ensinado e a certeza de se ter obter conhecimento para uma formação completa, contribuindo para a construção da sua identidade social. O ensino de História, de acordo com os Parâmetros Nacionais Curriculares (PCN's), trata-se de levar o aluno a ser questionador dos conceitos expostos e criador de opiniões, levando-o a entender que o passado e o presente estão inteiramente ligados.

Palavras-chaves: Ensino. Séries Iniciais. História. Ensino Fundamental.

1 INTRODUÇÃO

Quando fala-se em história, idealiza-se um conceito de passado, algo antigo que não tem nenhuma relação com presente. Dentro do meio escolar, o ensino de História está tomando uma nova dimensão, afirmando que todo processo histórico traz influências para a sociedade atual e que todo indivíduo é parte essencial, apoiado em princípios e objetivos definidos dentro dos PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais) e da nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os quais buscam o desenvolvimento do aluno crítico e reflexivo.

* Artigo Científico, apresentado ao Curso de Pedagogia do Instituto de Ensino Superior Franciscano, para obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

** Graduada do 8º período do Curso de Pedagogia do Instituto de Ensino Superior Franciscano.
E-mail: lilianenascimento223@gmail.com

Sendo assim, diante da complexidade do ensino de História, o presente artigo tem como propósito compreender a influência do ensino de História nas séries iniciais do Ensino Fundamental e as contribuições para a construção da identidade social do aluno. Destarte, buscou-se refletir sobre alguns questionamentos: Qual a importância do ensino de História para a formação da identidade do aluno? O professor está atualizando suas práticas pedagógicas? A escola atual está valorizando o ensino de História?

A princípio, para responder esses questionamentos, foram estabelecidas algumas hipóteses: a) O ensino de História é um meio necessário para a formação da identidade do aluno; b) A escola tem papel fundamental na valorização dessa categoria de ensino; c) O professor tem um papel importante nessa formação da identidade, já que é dele a responsabilidade de implantar metodologias dinâmicas e prazerosas, possibilitando ao aluno um interesse pelo ensino.

Sabe-se que, ainda hoje, há a ideia de que a História é apenas uma matéria decorativa e que não é tão necessária para a vida escolar. Por esse motivo e tantos outros, nas últimas décadas, o ensino de História passou por várias reformulações, passando a entender que o saber histórico é um campo de pesquisa necessário para se construir o saber escolar, proporcionando para o professor e para o aluno uma vivência de reconstrução dos saberes. No cotidiano escolar, o saber científico é adaptado à identidade social do estudante e à realidade em que ele vive.

Pautando-se nessa perspectiva, tem-se por objetivo neste artigo analisar de que maneira o ensino de História influencia na formação social dos alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental. Avaliar de que maneira ele contribui para a sociedade, valorizando os conhecimentos históricos enquanto instrumentos para a construção de uma cidadania.

A proposta metodológica deste estudo é de pesquisa bibliográfica, a qual abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, com a finalidade de colocar em destaque que, na formação do professor, melhorias e adaptações são necessárias para a valorização do ensino. Ademais, no que diz respeito ao desenvolvimento habilidades para transmissão de informações, tem o propósito de gerar uma visão positiva na aprendizagem histórica, a qual deixa de ser, exclusivamente, a rotineira ação de ler, copiar, ouvir e responder, para tornar

possíveis as habilidades de conhecer, construir, reconhecer, comparar, relacionar, fazer uso e criticar.

Partindo dessa temática, faz-se necessário tratar do surgimento dessa disciplina na escola e todo seu processo de evolução. Sabe-se que, hoje, a escola é o principal meio divulgador do ensino e que para o aluno entender sua importância social, o meio escolar faz-se indispensável em todo o processo.

No primeiro capítulo, será abordado o ensino da disciplina História nos livros didáticos, como se deu a inserção desse recurso pedagógico no meio escolar e as contribuições dele para o processo de ensino-aprendizagem. Além disso, discutir-se-á como esse recurso pode ser usado pelo professor sem que o aluno crie desinteresse, já que todo o conteúdo dos livros didáticos é, na maioria, apresentado por meio de textos.

No capítulo seguinte, retrata-se como o professor, diante do ensino de uma disciplina carregada de textos, deve ministrar suas aulas, sem que o aluno adote o conhecimento como um peso desagradável. Portanto, para mudar esse cenário, o que se espera é que os professores sejam pesquisadores, conhecedores das novas plataformas digitais e estejam inseridos no processo de formação continuada.

No que tange às mudanças na educação, o próximo capítulo abordará as novas perspectivas para unificar o ensino. Para tanto, criou-se uma base para Educação Básica, tendo a finalidade de disponibilizar um ensino de qualidade para atender toda a sociedade. Esse configura-se como um passo significativo para se quebrar a desigualdade social referente à educação.

E para se chegar ao ponto alto dessa pesquisa, o último capítulo detalha o ensino da disciplina História como verdadeiro mediador na construção da identidade social do aluno, seguindo os princípios dos Parâmetros Nacionais Curriculares, meio legal que rege a educação brasileira. Em toda a sua extensão, o que se vê são objetivos bem definidos, para que o professor tenha um apoio no seu trabalho, desenvolvendo pontos relevantes para formar um aluno crítico consciente do seu papel na sociedade e, principalmente, formador de opiniões.

2 A ABORDAGEM TEÓRICA DO ENSINO DE HISTÓRIA AOS LIVROS DIDÁTICOS

Antes de entrar na abordagem central desse capítulo, é importante que se entenda o que significa o vocábulo “livro” dentro no dicionário de língua portuguesa (2010, p.327), o qual diz que livro “[...] é uma coleção de folhas de papel, impressas, reunidas em cadernos que são unidas por meio de cola, costura etc., formando um volume que se recobre com capa resistente, onde seu principal objetivo é repassar conhecimento”. Com um significado tão pontual, desde o seu surgimento, sua importância só aumentou por abrir a possibilidade de guardar relatos de momentos vividos, pensamentos marcantes, ser um meio de divulgar ideias que, até então, era feito de forma oral e permitir diversas formas de utilização, não foi difícil inserir esse recurso no meio escolar.

No Brasil, a inserção do livro com textos grafados para serem usados no ambiente escolar foi movida por incertezas, já que a estruturação de conteúdos era controlada pelo governo, na época, vivia-se um momento de muita repressão na sociedade. Com isso, a primeira iniciativa de utilização dos livros denominados didáticos para o meio escolar tornou-se preocupação, já que os conteúdos não poderiam contrariar as ideologias atuais, a educação passa a ser totalmente controlada pelo governo, o qual no momento vivia o regime militar. Mas ao longo de todo esse processo, a sociedade pode acompanhar a aplicação dos livros didáticos nas escolas, mesmo de uma forma controlada, embora seu uso já fizesse parte do currículo escolar.

Como descrito por Miranda e Luca (2004, p. 125):

Sob o período militar, a questão da compra e distribuição de livros didáticos recebeu tratamento específico do poder público em contextos diferenciados — 1966, 1971 e 1976 —, todos marcados, porém, pela censura e ausência de liberdades democráticas. De outra parte, esse momento foi marcado pela progressiva ampliação da população escolar, em um movimento de massificação do ensino cujas conseqüências, sob o ponto de vista da qualidade, acabariam por deixar marcas indelévels no sistema público de ensino e que persistem como o seu maior desafio.

Nesse período, houve a modificação dos conteúdos, principalmente nos livros de história. Passou-se a repassar conhecimento com maior liberdade de expressão, permitindo que a atuação do professor em sala de aula fosse mais completa. Com isso, o livro didático passa a ser um material impresso, estruturado, destinado ou adequado a ser utilizado em um processo de aprendizagem ou formação e que não deve ser tido como apenas mais um livro que deve ser lido do começo ao fim.

Vale ressaltar que ele é um dos instrumentos de trabalho no processo educacional, deve possibilitar a criação de novas situações de ensino-aprendizagem e despertar o interesse do aluno. Outros sim, sua função também está ligada à formação continuada do professor com abordagens metodológicas atualizadas, para que se efetive o ensino na sala de aula.

A escolha desse material que fará parte da vida do aluno por um bom período e, portanto, precisa ser escolhido, de modo que se enquadre à realidade dele. Por essa razão, deve estar de acordo com as políticas pedagógicas, conter diversidade cultural, atividades diversificadas, isenção de preconceitos e, principalmente, deve contribuir para uma formação cidadã. Sendo assim, apresenta-se como uma ferramenta que proporciona aos alunos o contato com diferentes fontes históricas, o que contribui, juntamente com outras fontes, para a construção do conhecimento histórico.

O professor mediador desse processo de construção de saberes deverá mobilizar os conteúdos de História em torno de questões e temas importantes, eleitos de acordo com a realidade dos alunos. De certa forma, isso possibilitará discussões e reflexões, no que diz respeito ao desenvolvimento de condutas e valores que traduzem as atitudes práticas na construção da cidadania.

Em Knauss (2001, p. 34 grifo do autor), encontra-se o seguinte, esclarecimento:

[...] a construção do conhecimento histórico se sustenta no processo indutivo de conhecimento - partindo no nível do particular e do sensível para alcançar a conceituação e a problematização abrangente. Isto significa dizer que o ponto de referência são os documentos a serem trabalhados em sala de aula. Basicamente, trata-se de exercícios de leitura, não apenas de textos narrativos, mas privilegiando também os iconográficos – mais adequados a faixas iniciais do processo de aprendizagem. Assim, propõe-se que a metodologia adequada é aquela que perpassa as formas de assimilação de conhecimento: *percepção, intuição, crítica e criação* – definidas por Francisco Gutierrez em seu livro *Linguagem Total*.

Entende-se que a qualidade básica de um livro didático de História é oferecer um conteúdo diversificado, correto e atualizado, que, com as propostas de atividades, estimule o desenvolvimento de diversas competências, como as de reflexão, comparação, análise, síntese e dedução. É importante lembrar que o papel do professor quanto à busca dessas habilidades é um ponto para observação, já que nada vai adiantar ter um material didático impresso com excelência, se o “orador” desses conteúdos não estiver preparado para desenvolvê-los em sala de aula, parte

desse ponto a necessidade de que as práticas pedagógicas em sala sejam revistas e igualadas. Essas mudanças precisam andar juntas e estar em total sintonia.

Em todo esse processo de construção da aprendizagem, por meio de um material escrito, abre-se margem ao questionamento se tudo que está ali escrito e idealizado refere-se a fatos realmente importantes, se não há algo a mais que foi ocultado. Diante disso, a única certeza que se tem é que os livros de hoje estão sendo inovados e modificados para atender não só o aluno, mas também o professor, com metodologias atuais, atividades detalhadas, planejamentos e um leque de figuras que realmente farão a diferença na sala de aula.

3 O PROFESSOR FRENTE AO ENSINO DE HISTÓRIA NA SALA DE AULA

O ensino, no Brasil, surgiu no período da colonização ministrada pelos Jesuítas, os quais, naquela época, repassavam ensinamentos com ideologias da educação europeia, a qual tinha como objetivo principal formar pessoas para atender a coroa e servir a igreja cristã, era o chamado espírito de obediência. Nesse momento intenso de expansão da educação brasileira, já via-se uma pedagogia marcada com características tradicionalistas e conservadoras.

Refletindo sobre esse panorama da educação e suas influências, identifica-se, no ensino de História, professores com uma prática pedagógica voltada para memorização de datas, fatos e lugares, método que por muito tempo foi criticado por não permitir uma aprendizagem significativa. Essa prática impossibilitava uma reflexão sobre os fatos por completo e, a despeito do processo de mudanças na educação, observam-se ainda práticas tradicionalistas.

Para Zucchi (2012), o professor não deve limitar-se aos conteúdos preestabelecidos, ele deve buscar outras ideias sobre determinando assunto, aumentando o nível de conhecimento. Por conseguinte, essa busca mais aprofundada irá ajudá-lo na sua prática pedagógica, estabelecendo uma troca de informações e reconstrução da aprendizagem, oportunizando o alcance de pontos significativos com alunos em sala de aula.

Um dos grandes desafios na atualidade para o professor é, sem dúvida, implantar metodologias que possam garantir a aprendizagem do aluno, visto que o mundo hoje conta com inúmeras opções que tiram a atenção do aluno, ou até mesmo, o total interesse pelo ensino. Além disso, no que cerne ao ensino de

história, há de se considerar que surgem novos obstáculos, um deles é repassar conhecimento por meio de leituras de fatos antigos para um público que está mais preocupado com o presente e futuro. Não se pode negar que a implantação de novas metodologias trazem grandes benefícios para sala de aula no repasse do conhecimento.

Kampff (2012, p. 14) utiliza-se da seguinte argumentação:

As tecnologias em geral, das mais simples às mais sofisticadas, ampliam o potencial humano, seja físico ou intelectual. As tecnologias empregadas com fim educacional colaboram nesse sentido, ampliando as possibilidades do professor ensinar e do aluno aprender. Da lousa e giz aos computadores ligados à internet, muitas são as tecnologias que, utilizadas adequadamente, podem auxiliar no processo educacional [...].

Para tanto, a utilização de tecnologias vem tornando-se um grande aliado no ensino. Porém, o que se percebe ainda são professores limitados a uma didática conservadora, fixados na leitura e destinados a levar seus alunos ao total desinteresse pela disciplina, marcas deixadas por uma pedagogia tradicional.

Podem-se apontar vários fatores sobre a execução do ensino conservador, mas um que merece destaque, sem dúvida alguma, é a falta de interesse por parte do professor em inovar suas metodologias. Não é segredo para ninguém que boa parte dos profissionais ainda não acompanhou as mudanças no mundo tecnológico em que se está vivendo, o que causa grande preocupação, há haja vista que, atualmente, busca-se por um ensino de qualidade.

Em Rocha (2001, p. 55), encontra-se o seguinte esclarecimento sobre o professor conservador:

O insucesso do professor de História, na mínima das vezes, não deriva propriamente da falta de domínio do conteúdo, mas sim de uma postura conservadora na sua utilização. Mesmo um conteúdo tradicional pode sofrer determinados recortes para que se transforme num objeto adequado ao processo ensino-aprendizagem. Uma vez transformado em meio, sobre o qual vai incidir o trabalho do aluno, funcionará como alavanca para o desenvolvimento da inteligência.

Trazendo esse ponto de vista para o professor que trabalha em sala com múltiplas disciplinas, surge a necessidade da organização de metodologias que possam resgatar o aluno para o meio escolar com diversos tipos de conhecimento. Os docentes devem usá-las como benefícios em diferentes tipos de conteúdo.

O uso das novas tecnologias é um caminho positivo, prevendo que o aluno moderno esteja aberto para receber conhecimento através de uma didática atualizada. Para tanto, surge a necessidade de escolas preparadas em trabalhar

metodologias que facilitem a compreensão de conteúdos totalmente teóricos, como é o caso da disciplina de História.

O interesse por parte do profissional em estar atento ao desenvolvimento dos avanços didáticos é notório e, com isso, as instituições de ensino precisam proporcionar formação continuada, dar meios ou caminhos para inserção de novas práticas pedagógicas. O professor, como mediador do conhecimento, precisa estar atento à realidade da sociedade que, constantemente, sofre mudanças; abrir novas portas de ensino; unir a realidade ao conteúdo; desenvolver no aluno um posicionamento social; contribuir nem que seja, indiretamente, para um cidadão crítico formador de opiniões.

4 AS NOVAS MUDANÇAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Em tantos momentos de reformulação da educação, os documentos que legalizam e normatizam o ensino tiveram mudanças. No momento atual, pode-se citar a *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*, a qual tem a finalidade de direcionar e unificar o processo de aprendizagem da Educação Básica brasileira. Essa, por sua vez, está pautada em competências que, para a BNCC, é o ponto de partida para uma educação igualitária e democrática.

Essa base não surgiu somente para compor os tantos marcos que rodeiam a educação. A formulação desse documento está amparada, primeiramente, pelas diretrizes preestabelecidas dentro da Constituição Federal de 1988.

A Carta Magna, em seu conteúdo, já versava acerca de uma educação para todos com participação de todos os envolvidos (família, escola e governo), tendo a responsabilidade de garantir uma formação para se estar inserido na sociedade. Tendo em vista esse objetivo, a Constituição Federal também trata dos conteúdos escolares, devendo serem selecionados aqueles que realmente forem relevantes, não esquecendo o ensino dos valores culturais aos quais o discente está ligado.

Para essa importante missão, a base ganha mais um contribuinte, a LDB, Leis de Diretrizes da Educação Básica e do Ensino Superior, as quais, para a educação, apresentaram-se como um importante alicerce, já que nela estão reafirmados os caminhos para uma educação digna, definindo a responsabilidade de

cada parte envolvida (estado, município e união). Além disso, em seu conteúdo, também podem ser encontrados temas direcionados para a formação do professor.

Tanto a Constituição Federal quanto a LDB têm o intuito de criar currículos que atendam ao desenvolvimento básico das aprendizagens, unindo o conteúdo a ser ministrado à aquisição de competências, importantes viés para a nova BNCC. Vale ressaltar que tanto um quanto outro buscam, de uma forma geral, alicerçar um ensino em que a valorização do meio em que o aluno encontra-se esteja inserido no currículo de cada nível de ensino.

A definição mais concreta para a criação de uma nova base de ensino surgiu, definitivamente, depois da alteração da LDB. Essa, em seu conteúdo, trata de uma necessidade em reorganizar o ensino, para que o aluno tenha pleno desenvolvimento de habilidades e competências.

Nessa perspectiva, a BNCC aponta para a prática pedagógica, que deve estar focada no pleno desenvolvimento do “saber” e do “saber fazer”, para que o aluno possa desenvolver-se por completo. Desse modo, atenderá uma nova sociedade, que a cada momento busca por melhorias.

Como caracteriza a BNCC (2018, p. 14):

No novo cenário mundial, reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável requer muito mais do que o acúmulo de informações. Requer o desenvolvimento de competências para aprender a aprender, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplicar conhecimentos para resolver problemas, ter autonomia para tomar decisões, ser proativo para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, conviver e aprender com as diferenças e as diversidades.

Entre tantas modificações para o ensino da Educação Básica, está o ensino de História que prioriza a valorização do indivíduo, sendo ele detentor e construtor de sua própria história. Esse documento é o mais atual ligado à atualização do ensino brasileiro, por esse motivo, em todo seu contexto, é abordada a valorização do “eu” e do “outro”, esclarecendo a importância de se conhecer o meio em que se vive e qual o real valor de cada um. No seu interior, são destacados os eixos temáticos a serem trabalhados em todos os tipos de escolas, os objetos de conhecimento que estão separados por ano e, por fim, as habilidades que cada objeto deve proporcionar ao aluno.

A BNCC caracteriza que:

O processo tem início quando a criança toma consciência da existência de um “Eu” e de um “Outro”. O exercício de separação dos sujeitos é um método de conhecimento, uma maneira pela qual o indivíduo toma consciência de si, desenvolvendo a capacidade de administrar a sua vontade de maneira autônoma, como parte de uma família, uma comunidade e um corpo social. (BRASIL, 2018, p. 401)

De uma forma geral, todo esse detalhamento para o ensino unificado transforma a sala de aula em um lugar vivo e cheio de conhecimentos a serem descobertos, já que dentro da disciplina de história o passado está inteiramente ligado ao presente. Cabe ao professor trabalhar a base de uma forma contemporânea, ter uma autonomia pedagógica e ser detentor de metodologias que irão colaborar para o acontecimento de cada eixo temático.

Proporcionar ao aluno uma visão de uma realidade diversificada e instável é indispensável. Então, na busca por uma educação de qualidade em todo o país, a nova base para Educação Básica tem a preocupação em formar alunos com capacidade de interpretar o passado, analisar o presente e entender que as atitudes de uma sociedade são pontos marcantes para a construção da identidade social de determinada época.

5 O ENSINO DA HISTÓRIA CONSTRUINDO A IDENTIDADE DO ALUNO

O Ensino da História tem sido visto algum tempo como somente um item da composição escolar na vida do aluno, sem deixar claro sua verdadeira preocupação social, formar pessoas com aptidões críticas. Contudo, essa visão vem desaparecendo, devido à grande influência de reformulações curriculares. Observando a educação no seu momento atual, percebe-se que a valorização da vida do aluno tem sido vista como ponto de partida para alcançar a qualidade de ensino.

Segundo os PCN's:

Nas últimas décadas, por diferentes razões, nota-se uma crescente preocupação dos professores do ensino fundamental em acompanhar e participar do debate historiográfico, criando aproximações entre o conhecimento histórico e o saber histórico escolar. Reconhece-se que o conhecimento científico tem seus objetivos sociais e é reelaborado, de diversas maneiras, para o conjunto da sociedade. Na escola, ele adquire, ainda, uma relevância específica quando é recriado para fins didáticos. (BRASIL, 1998, p. 30)

Para conhecer um pouco do ensino de História no Brasil, é necessário entender que toda história ensinada antes era de origem europeia com um currículo tradicional, desenvolvendo assim as principais tendências pedagógicas na educação. Na tradicional, como foi supramencionado, o professor era o centro, enquanto que na escola nova, a relação professor-aluno é mais interativa, ou seja, há um diálogo entre ambos, o professor deixa de ser o centro e passa a ser mediador do conhecimento. Desse modo, pode-se afirmar que a educação hoje, embora de forma atualizada, ainda apresenta características dessas tendências.

A História como disciplina escolar esteve sempre ligada ao momento da sociedade. No Brasil, as primeiras propostas eram meramente religiosas, tempos depois, começou-se a entender a constituição da sociedade brasileira, sem deixar margens para discussões ou intervenções. A igreja passou muito tempo sendo uma grande influenciadora do que deveria ser ensinado no meio escolar, determinando a vida social, contribuindo inteiramente com o processo educacional brasileiro.

Nos últimos tempos, uma visão do que seria realmente relevante para currículo da História buscou resgatar fatos que contribuiriam para o desenvolvimento da sociedade. Em virtude dessa iniciativa, com o passar do tempo, a visão de uma História meramente curricular deixou de ser relevante, dando espaço à valorização do indivíduo e suas vivências.

Ao longo de todo o panorama histórico da educação, inúmeros foram os professores que, isoladamente, em suas salas de aulas, procuravam romper com uma história que só contava o que já estava determinado, tentavam buscar a história de cada aluno para alcançar o saber escolar. Destarte, a escola, após passar muitas mudanças, passou a contribuir e valorizar o contexto social do indivíduo, levando em consideração a experiência de vida desse, já que cada pessoa possui um próprio currículo, um conhecimento que cada ser traz consigo, sendo esse fundamental para a construção da identidade do cidadão.

Outro ponto a ser visto em relação ao ensino de História e o papel do professor na formação social desse aluno é repassar que a História é fundamental para a formação da identidade e da memória e que jamais deve ser considerada como decorativa e desestimuladora. Uma das grandes maneiras de utilizar a História como meio transformador, despertando no aluno a sua real posição de sujeito que faz história, é a interdisciplinaridade em sala de aula. Nessa perspectiva, Fazenda

(1999, p. 31) esclarece sua visão no que diz respeito ao professor e à interdisciplinaridade:

[...] o professor interdisciplinar traz em si um gosto especial por conhecer e pesquisar, possui um grau de comprometimento diferenciado para com seus alunos, ousa novas técnicas e procedimentos de ensino, porém antes, analisa-os e dosa-os convenientemente. Esse professor é alguém que está sempre envolvido com seu trabalho, em cada um de seus atos. Competência, envolvimento, compromisso marcam o itinerário desse profissional que luta por uma educação melhor. Entretanto, defronta-se com sérios obstáculos de ordem institucional no seu cotidiano [...]. Em todos os professores portadores de uma atitude interdisciplinar encontramos a marca da resistência que os impele a lutar contra a acomodação, embora em vários momentos pensem em desistir da luta.

Nessa perspectiva, o ensino de História passa por mudanças necessárias, em que o processo de ensino e aprendizagem está criando um conhecimento histórico escolar. Assim, passa-se a aceitar que, em uma sala de aula atual, as diferenças misturam-se, sendo de fundamental importância para o desenvolvimento de habilidades individuais, conforme descrevem os PCN's:

A realidade educacional brasileira e as vivências escolares demonstram que as escolas e as salas de aula são espaços permeados por conflitos e contradições. Por isso mesmo, podem ser espaços de transgressões, criatividade, experimentação, pesquisa e avaliação permanente. Do mesmo modo, instigam o professor a estar aberto às realidades singulares, instáveis e heterogêneas e a reconhecer que os alunos são atores ativos no processo de aprendizagem e na construção do saber escolar. (BRASIL, 1998, p. 80)

Desse modo, o professor torna-se o responsável por despertar no aluno o interesse pela aprendizagem, trazendo para a sala de aula a realidade que essa possui uma diversidade capaz de contribuir para o saber escolar. Esse professor responsável pela formação do aluno precisa estar em constante formação, haja vista que a realidade em que se vive hoje traz informações que a cada instante são transformadas. Cabe a ele sintetizar e vivenciar em sala de aula aquelas que, de alguma forma, contribuíram para aprendizagem, conforme diz Nikitiuk (2012, p. 99):

As práticas docentes para um novo currículo de História podem explorar as possibilidades renovadoras da historiografia e da reflexão da didática. Pensamos então em uma aprendizagem como algo ligado à história de vida – e do lugar – que possibilita situá-los em um contexto e a uma história. Tal aprendizagem histórica pode fortalecer a tendência para o ensino que se preocupa com a formação do aluno – no sentido de amplo e pedagógico, capaz de promover a cidadania para agir e transformar, não apenas para atuar e reproduzir.

Sendo assim, o professor é encarado como elo entre a aprendizagem e desenvolvimento intelectual do aluno, a escola torna-se um ponto de real importância para formação social. Portanto, faz-se necessária a construção de uma

prática pedagógica que favoreça a realidade e, principalmente, a história pessoal de cada.

Em relação ao papel social da escola, Serrano (2014, p. 20) menciona:

O papel da escola é socializar o conhecimento, seu dever é atuar na formação moral dos alunos, é essa soma de esforço que promove o pleno desenvolvimento do indivíduo como cidadão. A escola é o lugar onde a criança deverá encontrar os meios de se preparar para realizar seus projetos de vida, a qualidade de ensino é, portanto, condição necessária tanto na sua formação intelectual quanto moral, sem formação de qualidade a criança poderá ver seus projetos frustrados no futuro. Os professores e toda a comunidade escolar, a forma de avaliação são transmissores de normas e valores que norteiam e preparam o indivíduo para viver coletividade. Assim, é importante que as questões de vida em sociedade façam parte, com clareza, da organização curricular, levando a ética ao centro de reflexão e do exercício da cidadania.

Ensinar História é possibilidade de construir o saber histórico e isso deve-se, principalmente, à constante relação entre educador e educando, que transforma o aluno de simples para complexo em sua forma de pensar e agir. Por esse motivo e entre tantos já citados, o professor não pode jamais ser um mero executor de conteúdo.

A partir disso, faz-se necessário que o professor seja um constante pesquisador conhecedor de ações que possam ser somadas às suas práticas pedagógicas. Falando sobre esse aspecto, Nikitiuk (2012, p. 109) acrescenta:

A produção de conhecimento enquanto atividade docente não significa que o professor realize a soma das atividades de ensino e pesquisa, mas significa pensar o ensino enquanto processo permanente de investigação e descobertas individuais e coletivas. Produzir novos conhecimentos é um pressuposto metodológico que pode nortear ou não a prática docente, dependendo da visão e da decisão do professor.

Contribuir para o desenvolvimento do aluno de uma maneira geral é proporcionar uma liberdade de opinião, já que a História contada no passado era baseada no interesse e seus conteúdos precisam ser seguidos à risca, o professor não podia fugir da linha tradicional implantada, metodologias essas que, atualmente, estão desaparecendo. A construção de uma cidadania consiste em o indivíduo ter o direito de escrever a própria história e sentir-se sujeito histórico.

Refletindo um pouco sobre a importância do ensino e a valorização do aluno como ser transformador, Bittencourt (2009, p. 189-190) faz uma reflexão sobre o conhecimento prévio dos alunos.

A eficiência do ensino está comprometida com o nível de desenvolvimento do aluno, sem esquecer o desenvolvimento do aluno [...] o importante, na aprendizagem conceitual, é que sejam estabelecidas as relações entre o

que o aluno já sabe o que é proposto externamente - no caso, por interferência pedagógica -, de maneira que se evitem formas arbitrárias e a apresentação de conceitos sem significados dos quais acabam sendo mecanicamente repetidos pelos alunos [...].

Os espaços temporais são marcos relevante para a construção de um cidadão que compreenderá o passado da sociedade. Quem somos? Qual caminho seguir? O que fazemos que criará percepções de um futuro.

Por isso, acredita-se que o conhecimento baseado na realidade não pode ser considerado pronto ou acabado, ele está em constante transformação. É papel do professor e escola repassar para os alunos seu papel em contribuir para construção de uma realidade, já que, para o aluno, a sociedade é um grande espaço de realizações.

Valorizando esse aspecto, no mundo em que se vive, a mudança do comportamento do homem e sua necessidade em sobreviver para ter uma vida melhor torna-se item em destaque. Quando se fala em construir uma realidade, espera-se que esse futuro seja todo transformado, gerando uma igualdade social justa.

Sabe-se que, para alcançar uma prática de ensino de qualidade, visando à transformação do indivíduo, é necessária a valorização de todos os elos envolvidos, trabalhar metodologias planejadas, incentivando o aluno a ser um cidadão transformador e apagando a imagem de uma sociedade alienada. O professor, como grande colaborador, não deve ignorar a pluralidade de uma sala de aula, já que é nessa que as mudanças acontecem e precisam ser notadas e trabalhadas para proporcionar aos alunos a compreensão do mundo e desenvolver atitudes de convívio social.

Os Parâmetros Nacionais Curriculares (PCN's), com uma proposta de direcionar o ensino, tratam sobre a importância da História para formação social e para o desenvolvimento da sociedade.

A História tem permanecido no currículo das escolas, constituindo o que se chama de saber histórico escolar. No diálogo e no confronto com a realidade social e educacional, no contato com valores e anseios das novas gerações, na interlocução com o conhecimento histórico e pedagógico, o saber histórico escolar tem mantido tradições, tem reformulado e inovado conteúdos, abordagens, métodos, materiais didáticos e algumas de suas finalidades educacionais e sociais. Nesse diálogo tem permanecido, principalmente, o papel da História nem difundir e consolidar identidades no tempo, sejam étnicas, culturais, religiosas, de classes e grupos, de Estado ou Nação. Nele, fundamentalmente, têm sido recriadas as relações professor, aluno, conhecimento histórico e realidade social, em benefício do fortalecimento do papel da História na formação social e intelectual de

indivíduos para que, de modo consciente e reflexivo, desenvolvam a compreensão de si mesmos, dos outros, da sua inserção em uma sociedade histórica e da responsabilidade de todos atuarem na construção de sociedades mais igualitárias e democráticas. (BRASIL, 1998, p. 29)

Formar cidadãos, apropriando-se da disciplina da História, é compreender que os conteúdos ministrados tratam sobre significados relevantes para a vida do aluno e que esses devem ser levados para o dia a dia, de modo a proporcionar uma reflexão pessoal, contribuindo para a formação integral do aluno. Essas contribuições estão bem destacadas em cada item nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), buscando aumentar a qualidade do ensino e o desenvolvimento da sociedade.

6 CONCLUSÃO

Diante do que foi exposto neste estudo, percebe-se que a educação desde o seu surgimento, passa por constantes transformações, buscando alcançar um ensino de qualidade, mas ainda sim, almeja por mais mudanças. Dentre tantas leis que legalizam o ensino e a educação como um todo, destacam-se os Parâmetros Nacionais Curriculares (PCN's) e a nova base de ensino, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que, entre seus objetivos, traz a unificação do ensino, independentemente, de classe social ou tipo de escola.

Nessa nova visão da base, a preocupação em proporcionar ao aluno um ensino em que a realidade dele possa ser valorizada, ligar o passado com o presente, dispor conhecimento, para que o professor execute em sala de aula um ensino enriquecedor, que promova práticas pedagógicas, direcionando para caminhos que possam formar um aluno crítico-reflexivo. Assim, o ensino de História ganha destaque por ser uma disciplina que só existe, porque o homem a construiu e suas consequências serão notadas em determinado momento do futuro.

Outros sim, devido ao seu peso escrito, torna-se uma disciplina teórica, gerando uma preocupação de como os livros didáticos estão sendo usados em sala de aula, se o aluno está realmente conseguindo compreender tudo que está escrito, possibilitando a ele próprio expor seu ponto de vista acerca de um conteúdo. Diante dessa perspectiva, torna-se cada vez mais evidente a necessidade de se ter professores com formação continuada, preparando-se para possíveis mudanças e escolas preparadas para receber esses alunos que estão expostos a inúmeras

informações, mas que não sabem selecionar as que realmente serão relevantes para sua aprendizagem.

Ao iniciar essa pesquisa, algumas dúvidas foram esclarecidas, no que diz respeito ao ensino de História e a necessidade de se ter professores pesquisadores comprometidos com o repasse do ensino. Não se pode negar que a educação de hoje ainda precisa melhorar muito, extinguir algumas metodologias tradicionais e cimentadas, a escola como um todo não pode deixar que o trabalho pedagógico seja limitado apenas a textos longos e exaustivos.

Para tanto, observou-se que, entre tantas leis em que permeia a educação brasileira, os dispositivos legais são bem completos e objetivos. Assim, percebe-se que o caminho para uma educação de qualidade não se apresenta mais como algo impossível, o que falta é um trabalho coletivo entre os interessados.

Assumir práticas pedagógicas comprometidas com o desempenho do aluno mostrou-se como um caminho bem seguro para a formação de um indivíduo crítico, defensor de seus ideais. Além disso, o uso de tecnologias como instrumento de ensino revelou-se um recurso atual bastante aceito como meio de ter-se aulas dinâmicas, abrindo espaço para discussões e esclarecer dúvidas. Esse recurso traz um benefício que hoje está sendo implementado nos livros didáticos, o uso de imagens e acervo digital, levando o aluno a conhecer inúmeras culturas e a história de cada uma delas.

Mas, novamente, chega-se a um obstáculo que impede o avanço do ensino de História, escolas não preparadas para a nova “onda digital” e professores que não buscam inserir-se nesse meio. Ambos aspectos tornam o repasse dos conteúdos um peso para os alunos.

Pode-se, então, inferir que o ensino de História não é meramente uma disciplina decorativa, todos os fatos vividos são ações de uma sociedade em determinada época e essas ações trouxeram reflexos para o presente, dando margem para um futuro. O professor, como mediador desse conhecimento, precisa esclarecer que cada indivíduo é parte importante na construção da sociedade e que a História é um caminho para a construção de um futuro com cidadãos críticos e reflexivos, tendo nas mãos a possibilidade de construir uma sociedade mais justa e igualitária.

**THE INFLUENCE OF HISTORY TEACHING IN THE INITIAL SERIES OF
FUNDAMENTAL TEACHING:
building the student's social identity.**

ABSTRACT

The present article has as a proposal to make a brief analysis on the teaching of history, which, in turn, is undergoing transformations. In this sense, the school and the teacher need to be attentive to the constant changes of the society and to accompany the technological innovations. The valuation of the student's experience and the reality that surrounds him are important points for the construction of learning. For this reason, textbooks are expected to provide the student with updated content to be worked on in the classroom, thus eliminating the vision of uninteresting teaching. It is up to the teacher to follow the new legal reformulations of education, providing a democratic and participatory education. Since the emergence of History in the education and effective use of textbooks in the school environment, it was given a margin so that the multidisciplinary teacher could carry out a pedagogical work that awakens in the student the interest for what is taught and the certainty of obtaining knowledge for a complete formation, contributing to the construction of their social identity. The teaching of History, according to the National Curriculum Parameters (NCPs), is about getting the student to question the concepts exposed and creating opinions, leading him to understand that the past and the present are fully linked.

Keywords: Teaching. Initial series. History. Elementary School

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Governo Federal. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>.2017>. Acesso em: 20 mar. 2018.

BRASIL. **Constituição da república federativa do Brasil** (1988). Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2018.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais: história, secretaria de educação fundamental**. Brasília, 1998.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino da história: fundamentos e métodos**. 3. ed. São Paulo, Cortez, 2009.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 4. ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1999.

KAMPFF, Adriana Justin Cerveira. **Tecnologia da informação e comunicação na educação**. 3.ed.Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2012.

KNAUSS, Paulo. Sobre a norma e o óbvio: a sala de aula como lugar de pesquisa. In: NIKITIUK, Sonia M. Leite (org). **Repensando o ensino de história**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MIRANDA, Sônia Regina; LUCA, Tânia Regina. O livro didático de história hoje: um panorama a partir do PNLD. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 24, n. 48, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v24n48/a06v24n48.pdf>>. Acesso em 22 jun. 2018.

RIOS, Dermival Ribeiro. **Minidicionário escolar de língua portuguesa**. São Paulo: DCL, 2010.

ROCHA, Ubiratan. Reconstruindo a história a partir do imaginário do aluno. In: NIKITIUK, Sonia M. Leite (org). **Repensando o ensino de história**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SERRANO, Gení. **O papel da escola na formação do cidadão**. Disponível em: <<http://meuartigo.brasescola.uol.com.br/educacao/o-papel-escola-na-formacao-cidadao.htm>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

Zucchi, Bianca Bargalho. **O ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental**: teoria, conceitos e uso de fontes. 1.ed. São Paulo: Edições SM, 2012.